

Entrevista com António Mota Redol¹



Lucien Diouf

*António Alves Redol (Vila Franca de Xira, 29 de dezembro de 1911– Lisboa, 29 de novembro de 1969), foi um dos fundadores e expoentes do chamado Neo-Realismo português. Autor de quase quarenta obras nos mais diversos campos do conhecimento (romance, conto, teatro, literatura infantil, ensaios de crítica literária, estudos de etnografia e conferências), estreou em livro em 1938 com um livro de etnografia: **Glória, uma aldeia do Ribatejo**. Antes, publicara apenas colaborações em jornais de Vila Franca de Xira e de Lisboa. Filiado ao Partido Comunista Português, simpatizante dos princípios estéticos do Realismo Socialista de Plekhanov, publica, em 1939, o seu primeiro romance – **Gaibéus** –, que, em suas próprias palavras, não tinha a pretensão de “ficar na literatura como obra de arte. Quer ser, antes de tudo, um documentário humano fixado no Ribatejo. Depois disso, será o que os outros entenderem”. Apesar de suas várias fases, sua obra nunca deixou de denunciar as injustiças sociais, a ditadura do Estado Novo Português e as contradições do capitalismo. A entrevista que se vai ler foi realizada por Lucien Demba Diouf com o engenheiro António Mota Redol (1943), filho único do escritor. Diouf é Doutor em Literatura Portuguesa (2010) pela Universidade de Montpellier (França), com tese sobre Alves Redol: **La crise viticole du “Alto Douro” (1907-1915). Entre réalité sociale et discours idéologique dans le cycle “Port-Wine” d’Alves Redol.***

1. Propostos recolhidos por Lucien Demba Diouf na preparação da sua tese de doutoramento, Lisboa, maio de 2006. Publicação autorizada por António Mota Redol.

Lucien Diouf – *Quais são os verdadeiros motivos da viagem de Alves Redol a Angola? As versões dos biógrafos e dos críticos literários são numerosas e às vezes contraditórias. Qual é a sua opinião?*

António Mota Redol – É verdade que há críticos literários ou traçados biográficos que falam da infância difícil, tormentosa e com necessidades do meu pai, e que é por causa de pobreza familiar que Alves Redol emigrou para África. Contrariamente a essa ideia, o meu avô, António Redol da Cruz era um marçano que conseguiu com grande trabalho e sacrifício chegar a ser possuidor de alguns bens : padaria, mercearia, loja, e de usufruir uma vida razoável para a época.

Meu avô procurou sempre que aos filhos nada faltasse dentro das suas possibilidades. O meu pai foi criado num ambiente de grande ternura que se reflectiu na sua maneira de ser e na sua extrema sensibilidade, sobretudo no que tem a ver com a condição humana. A permanência do meu pai na loja do meu avô, onde contactou com os trabalhadores do Ribatejo e os gaibéus que ali se aviavam, aliado ao seu grande poder de observação, fizeram criar nele o gosto pelos problemas desse povo, que mais tarde, constituíram parte integrante da sua obra.

Portanto, por volta dos anos 27-29, a crise comercial que se desencadeou no país veio também atingir o meu avô; a sua generosidade de acolher em sua casa quantos sobrinhos e familiares a quem a sorte era adversa, foi um factor que contribuiu para a derrocada da sua vida comercial.

Portanto, o meu pai sempre atento a todos os problemas familiares e com grande vontade de salvar a casa, propôs aos pais a sua ida para África. Os meus avôs ficaram muito preocupados, mas o meu pai lá foi, cheio de esperança.

L. D. – *De volta a Portugal, Alves Redol falou da sua experiência africana, dos momentos difíceis mas ricos da sua estadia em Angola. Pronunciou por exemplo essa frase rica de ensinamentos: “Aí comi algumas vezes, e pela primeira vez, o pão que o Diabo amassou, mas tudo valeu a pena: tanto os opróbios como estímulos. O pão da vida é bom, embora leve muita volta a chegar à boca dos que o merecem”. António Mota Redol, pode falar um pouco da vida do seu pai, da sua “aventura” africana ?*

A. M. R. – Ele passou sérias dificuldades, sem emprego, em África. Chegou a leccionar para a sua manutenção. Depois de grande luta conseguiu empregar-se na Fazenda Pública. Encontrou o seu amigo angolano, o Luís Khol, que foi também seu colega desde o colégio Arriaga, e pelo qual tinha grande preferência. O pai deste amigo que era branco ajudou-o a encontrar trabalho em Luanda. Finalmente, empregou-se numa casa de venda de pneus, a casa Bernardino Correia.

Ele permaneceu em Angola cerca de três anos e regressou aos dezanove anos com uma biliose. Vinha muito diferente e bastante diminuído fisicamente: perdera a saúde que nunca mais recuperou. Durante a sua estadia em Luanda, enviou aos pais cerca de quarenta contos, o que era uma quantia avultada para a época.

L. D. – *A estada em Angola constituiu uma “viragem ideológica” para Alves Redol. Aprendeu muito na sua convivência com os africanos. Declarou: “Considero essa viagem e essa estada decisivas para a minha vida: foi uma autêntica viragem. A condição do negro é que me abriu os olhos para a condição do branco na Metrópole”. Em que consiste obviamente esta viragem ideológica na vida de Alves Redol?*

A. M. R. – Muitas vezes afirmou-me que a ida à África tinha sido decisiva na sua vida de escritor. Foi a vida difícil que teve de suportar em Angola que, aliada ao seu grande poder de observação, o fez analisar os problemas socioeconómicos do povo português que sempre amou. Ele ficou impressionado pela exploração dos negros, em condições desumanas, o que lhe permitiu abrir os olhos para a baixa condição dos trabalhadores metropolitanos – dos “alugados”, termo que gostava de usar – vítimas de exploração semelhante, porque dominados pelo mesmo opressor. Não é?

Entrou em contacto com os trabalhadores africanos, fixou o perfil de alguns colonos, conheceu as suas espoliações, deparou com os seus comportamentos egoístas e desumanos e impressionou-o o sofrimento curtido pelos negros, sob o jugo colonial. Portanto, há uma coisa que o marcou bastante e de que me falou: uma noite assistiu ao carregamento de negros num navio, como no tempo da escravatura, para irem trabalhar nas plantações de cacau em São Tomé.

Portanto, essa viagem e a permanência de três anos em Luanda provocaram nele um amadurecimento precoce. O seu *discurso socialista* que pronunciou logo no início da sua vida em África foi um dos primeiros indícios da sua *viragem ideológica*. Colaborou sempre, durante esse período, para o jornal *Vida Ribatejana*, com crónicas: “Natal”, “Confissão” e uns artigos intitulados “*De longe*”. Escreveu sobre as suas impressões de viagem marítima e da vida e dos costumes angolanos. Após o seu regresso de Luanda, em 1934, primeiro no Grémio Artístico Vilafranquense, logo a seguir no Clube Vilafranquense, proferiu a sua primeira denúncia das máculas do colonialismo na palestra intitulada “*Terra de pretos, ambição de brancos*”, acompanhada de um filme cujo original desapareceu...

Portanto, no momento em que o regime fascista governava em Portugal, levou uma luta justa e digna, sem desânimo, com muita esperança, contra a opressão e para um mundo melhor para todos.

L. D. – *Inspirado pela **Arte e a Vida Social** de George Plekhanov, na sua conferência em Vila Franca, três anos antes da primeira edição de **Gaibéus**, Alves Redol defendeu uma arte ao serviço do desenvolvimento da consciência e do melhoramento da ordem social, opondo-se assim à “arte pela arte” dos presencistas. Há hoje em dia escritores que continuam a defender esta arte humana e heróica?*

A. M. R. – Hoje em dia em Portugal há muitos escritores empenhados na defesa da justiça social. Está claro! Já não há autores Neo-Realistas. O Neo-Realismo acabou. Mas há, por exemplo, um escritor famoso que, nos seus princípios, se aproximou muito dos escritores neo-realistas: o José Saramago.

L. D. – *Os escritores neo-realistas consagraram o essencial dos seus romances às regiões do centro e do sul de Portugal donde eles são na maioria originários. O ciclo **Port-Wine** dilatou o horizonte social de Alves Redol. Numa entrevista no jornal *A tarde* de 21 de Fevereiro de 1945, o seu projecto romanesco e a sua humanidade transparecem nesta sua declaração: **Os motivos do Douro são tão fortes e tão humanos como os do Ribatejo onde nasci. Quais são os verdadeiros motivos dessa mudança geográfica? De que partiu o ciclo **Port-Wine**?***

A. M. R. – O meu pai visitou a região do Douro vinhateiro em Setembro de 1943 no intuito de se documentar para um volume

da colecção “O Trabalho em Portugal” que a sua editora de então, a Editorial Inquérito, se propunha publicar. Portanto, o projecto não foi por diante. Mas o meu pai encontrou no povo duriense e na sua epopeia de trabalho e sacrifícios a sugestão para o novo rumo ambiental e temático que pretendia dar a sua obra. Um amigo residente na região, Francisco Tavares Teles, acompanhou-o no seu primeiro contacto com a gente da terra e também na sua documentação sobre as penosas condições de trabalho na lavoura do Douro, nas vinhas, na vindima... Não é? Assim se lhe confirmou o intuito de sair, como escritor, do meio ribatejano nativo e pôs-se a observar meticulosamente a índole dessa outra humanidade.

A região do Douro e o seu ambiente popular gravaram-se fundamente na sua sensibilidade e deram resposta à sua disponibilidade de mudança.

L. D. — *Desde as suas primeiras viagens na região do Douro, Alves Redol afirmou encontrar os materiais necessários para o seu projecto romanesco: “ambiente, personagens, causa, acção”. Na perspectiva dessa ideia publicou no final de 1946 o seu primeiro romance sobre o Douro intitulado **Porto Manso**. O argumento do romance entronca na construção da linha férrea do Douro, que lançou em crise os tradicionais transportadores da via fluvial. Porque é que Alves Redol nunca se sentiu satisfeito com a sua construção romanesca?*

A. M. R. — Ele sempre conviveu com os trabalhadores. Por exemplo, em *Avieiro*, instalou-se na margem esquerda do Tejo, na Lezíria. Depois apresentou-nos no seu romance esse grupo humano, gente pobre, comunidade imigradora muito fechada que vive nos seus barcos e que o meu pai conseguiu penetrar.

Portanto, *Porto Manso* é uma primeira panorâmica humana e paisagística da região, das labutas rudes do povo rústico, dos seus desemparos entre as malhas dos exploradores.

Portanto, não sei se podemos falar de insatisfação... Mas sei que ele sempre disse que *Porto Manso* não era ainda a grande construção literário-social estruturada que imaginara. É verdade que pensou em refundi-la algum dia com melhor tratamento de composição.

Não sei se se trata do *Porto Manso* ou do ciclo *Port-Wine*, mas numa dessas obras ele descreveu uma situação semelhante a uma duma família do Douro. Houve lá um fulano que se sentiu muito ofendido. Atacou o meu pai dizendo que este livro falou da sua família, falou do seu pai. Este fulano ignorava que se tratava duma obra romanesca, duma ficção, de personagens. Não é? Como não percebeu que este romance foi o fruto de uma imaginação, reflectindo a vida de alguns trabalhadores do Douro, ameaçou traduzir o meu pai em justiça. Falou da polícia... Mas não conseguiu fazer qualquer coisa. Acabou por encontrar o meu pai e percebeu finalmente que este livro foi uma pura ficção. Isto foi uma história engraçada. Não é?

L. D. — *A redacção do ciclo **Port-Wine** correspondeu a um período difícil da vida do seu pai: deveres familiares a cumprir, o “medo” da página em branco, o desânimo, o cansaço, a doença. Qual foi a sua fonte de ânimo para conviver com o “povo duriense” durante um longo período e documentar-se durante seis anos em Lisboa e no Porto? Como surgiu a ideia dum romance em três volumes?*

A. M. R. — Acho que não... O meu pai sempre cumpriu os seus deveres familiares. Nunca me faltou nada. Mas é verdade que as

restrições profissionais que o tolhiam eram então acumuladas com uma crise de saúde. António Tavares Teles, filho do devotado amigo que o acompanhou nas suas investigações pelo Douro, publicou em 1975, na revista “Correio do Povo”, uma série de extractos de correspondência dirigida por meu pai a Francisco Tavares Teles. São depoimentos reveladores do esforço tenaz do meu pai na sua faina, a vencer em cada dia o que lhe era adverso. Penso que são as suas estadas frequentes no Douro a sua documentação minuciosa e “o material vastíssimo” que reuniu que o permitiram escrever três volumes.

L. D. — Em *Gaibéus*, Alves Redol confundiu-se com o seu protagonista, o ceifeiro rebelde, afirmando: “um tanto eu próprio com a minha experiência africana”. Será que há alguma coisa de autobiográfico no ciclo **Port-Wine**?

A. M. R. — Li *Gaibéus*, mas já não me lembro de todo o conteúdo do ciclo *Port-Wine*. De qualquer modo, a viagem e a vivência africana marcaram-no profundamente. Em vários dos seus romances fez referência a isso. A estada em África incentivou a sua criação literária, contribuiu para acordar a sua consciência e participou na sua tomada de posição perante novas realidades, sentidas nas relações entre homens de raças diferentes ou poder desigual. A obra de Garcez da Silva, *A Experiência Africana de Alves Redol*, falou bastante disso. Não é?

L. D. — O ciclo **Port-Wine** narra na sua maioria a saga da família Teimas que sintetiza a vida dos viticultores do Alto Douro. Pode-se falar dessa obra cíclica como sinónimo de um romance “identitário”?

A. M. R. – Os Teimas, pequenos vinicultores, são elementos humanos típicos duma região, da classe a que pertencem, e que, basicamente, os problemas deles são os dos outros vinicultores do Douro. Não é? Eles têm de enfrentar a ganância dos compradores de vinhos profissionais.

É preciso também sublinhar que a aguardente com que se fabricava o vinho do Porto provinha do sul de Portugal. De qualquer maneira, nessa época, havia uma certa dependência do vinho do Porto para com a aguardente detida pelos comerciantes do Sul. Para fazer face à crescente procura dos Ingleses de vinhos do Porto, foi permitida a venda dos vinhos da Estremadura e do Ribatejo como vinho de Porto. Isso desencadeou uma concorrência, depois um conflito entre os produtores do vinho do Sul e os do vinho do Porto julgado mais trabalhado. Não é?

L. D. – *No ciclo **Port-Wine**, particularmente em **Horizonte Cerrado** e em **Os Homens e As Sombras**, o universo masculino está omnipresente, mas em **Vindima de Sangue**, a determinação feminina e a sua força de acção permitiu o reconhecimento dos direitos do povo duriense e a sua libertação. Será que Alves Redol foi um escritor feminista?*

A. M. R. – Na sua trilogia, mas também noutros livros, defendeu sempre a causa e os direitos das personagens femininas, sobretudo as mulheres do povo e, isso, desde *Gaibéus*, *Marés*, *Avieiros*...

L. D. – *Na sua obra cíclica há um pletórico de dados históricos. Pode-se considerar essa trilogia como um romance histórico?*

A. M. R. – O meu pai conviveu muito tempo com os lavradores do Douro. Documentou-se muito, sobre o vinho do Porto, sobre

as crises do Douro, sobre a filoxera, a concorrência entre o vinho do Sul e do Porto... antes de se debruçar sobre a redacção da sua trilogia. Portanto, se romance histórico quer dizer referir-se largamente à História, reconstruir os componentes sociais, misturar acontecimentos, costumes, personagens históricos e fictícios: sim, pode-se designar o ciclo *Port-Wine* como um romance histórico.

L. D. – *Que significado se pode dar aos títulos **Horizonte Cerrado**, **Os Homens e As Sombras** e **Vindima de Sangue**?*

A. M. R. – Para os dois primeiros, não posso responder. Mas para *Vindima de Sangue*... penso que isso tem a ver com a História de Portugal. Houve uma manifestação colectiva dos viticultores em Lamego, junto da Câmara Municipal. A fuzilaria dos soldados lançou pânico entre a massa de gente do povo. Houve mortos. Esta história inspirou muito o meu pai que falou no ciclo *Port-Wine* da morte duma camponesa. Não é?

L. D. – *O sucesso do ciclo **Port-Wine** traduziu-se pela atribuição do prémio da Academia das Ciências a **Horizonte Cerrado**, o que foi, segundo Mário Dionísio “um triunfo definitivo do Neo-Realismo na literatura portuguesa”. Como Alves Redol saboreou esse triunfo?*

A. M. R. – Foi um verdadeiro êxito para o Neo-Realismo. O meu pai ficou muito satisfeito com esse prémio. Ficou muito agradecido para com a Academia das Ciências e houve uma homenagem em Vila Franca.

L. D. – *O Neo-Realismo – literatura de combate e de esperança – dominou a cultura portuguesa dos anos trinta até aos anos setenta. Hoje em dia, qual é o lugar dessa corrente literária, dessa literatura “missão” em Portugal?*

A. M. R. – O Neo-Realismo caracteriza-se por um efeito de real, de tradição e de renovação. Não é? Ele veicula uma visão da sociedade marcada pela ideologia marxista. Desde o final dos anos trinta, o movimento neo-realista lutou contra o fascismo e participou activamente na criação de um ideal colectivo e para um mundo mais humano. Não é?

Portanto... na época actual, o mundo transformou-se, as coisas melhoraram muito, muito em Portugal. Mas a luta é outra e a literatura neo-realista deve continuar a ser um instrumento de conhecimento.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE TEXTOS



A revista **Investigações** aceita as seguintes contribuições: artigos inéditos, ensaios bibliográficos e resenhas críticas nas duas áreas de concentração do Programa de Pós-Graduação em Letras: Teoria Literária e Lingüística. Os trabalhos submetidos a **Investigações** devem ser enviados por e-mail, digitados em espaço 1.5, tipo 12, letra Arial, alinhamento justificado, em programa Word-for-Windows 2003, sem formatação, além de parágrafo e em três arquivos. No 1º arquivo deve constar o texto com a devida autoria. No 2º arquivo deve ser identificado o nome, titulação e instituição do autor, endereço residencial/trabalho, telefones, e-mail, além do título do trabalho. No 3º arquivo deve constar o texto sem informação que identifique a autoria. O 1º arquivo deve ser guardado em arquivo para as eventuais modificações sugeridas pelos pareceristas.

As “Notas” devem ser digitadas ao fim de cada página, numeradas a partir de 1, em espaço simples, tipo 11, letra Arial, alinhamento justificado. Se houver nota referente ao título, esta recebe asterisco e não numeração. As notas não devem ser utilizadas para referência bibliográfica. As referências devem ser feitas no corpo do trabalho segundo o exemplo: ...como diz Preti (1991:43)...; referências após citação: (Preti 1991:43); no caso de paráfrase (cf.: Preti 1991:43). Nunca usar “idem”, ou “idem, ibidem”. Para ênfase usar itálico e não sublinhar.

“Tabelas”, “gráficos”, “desenhos”, “quadros” e “árvores” devem estar inseridos no texto, ser numerados e conter título. Apenas as iniciais do título devem estar em maiúsculas.

O Resumo deve ser digitado em tipo 11, letra Arial, espaço simples, alinhamento Justificado, com cerca de 100 palavras (no máximo), em português, inglês (obrigatórios) e uma terceira língua estrangeira: francês, espanhol, italiano ou alemão. Devem, ainda, ser seguidos de, no máximo, quatro palavras-chave nas línguas citadas. Recomenda-se que os mesmos sejam revistos por falantes nativos dos respectivos idiomas.

O título deve ser digitado em tipo 16, letra Arial, espaço simples, alinhamento centralizado, e o nome do(s) autor(es) deve ser digitado em tipo 14, letra Arial, espaço simples, alinhamento à direita. Abaixo de cada nome deve ser referenciado a Instituição de trabalho do autor(es).

Referências bibliográficas: digitar a expressão **Referência Bibliográfica** em negrito. Os autores devem estar em ordem alfabética, sem numeração das entradas e sem espaço entre as referências. O principal sobrenome de cada autor é seguido de vírgula e do nome e sobrenomes. O nome de outros autores, quando houver, ou dos organizadores da obra de onde for retirado o artigo, precedem o sobrenome. Os títulos de livro, coletânea ou revista devem vir em itálico. Na segunda entrada de um mesmo autor, seu nome é substituído por um traço de 6 toques. A data identificadora da obra deve vir entre pontos, após o nome do autor (outras datas relevantes no final da entrada). Mais de uma obra de um autor no mesmo ano devem ser identificadas por letras a, b, c, etc. após a data.

Exemplos:

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. 2002. Sistema fonológico do português: rediscutindo o consenso. *D.E.L.T.A.* 18(1):1-24.

CÂMARA JR., J. Mattoso. 1977. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Livro Técnico.

GUMPERZ, John J. 1986. Interactional sociolinguistics in the study of schooling. In: Jenny Cook-Gumperz, ed. *The Social Construction of Literacy*. Cambridge: Cambridge University Press, pp.45-68.

ONO, T.; THOMPSON, S. 1996. The dynamic nature of conceptual structure building: evidence from conversation. In GOLDBERG, A, *Conceptual structure, discourse and grammar*. Stanford: CLSI.

Anexos: caso existam, devem ser colocados depois das referências bibliográficas, precedidos da palavra Anexo. Para anexos que constituam textos originais já publicados, incluir referência bibliográfica completa, bem como permissão de editores para reprodução.

Investigações detém o “copyright” dos trabalhos a ela submetidos por 5 (cinco) anos, exceto nos casos em que estiver impresso o contrário. Os trabalhos publicados em **Investigações** só podem ser reeditados (livro, coletâneas etc) com expressa autorização do Corpo Editorial desta Revista. Os trabalhos submetidos à Revista **Investigações** não podem, sob hipótese alguma, ser retirados depois de iniciado o processo de avaliação.

Tamanho: ARTIGO: até 10.000 palavras. Se contiver gráficos ou anexos, o conjunto não deve ultrapassar 25 páginas. ENSAIO BIBLIOGRÁFICO: até 6.000 palavras. RESENHA: até 3.600 palavras.

Endereço:

Os textos submetidos deverão ser enviados para:
contato@revistainvestigacoes.com.br

Editora Responsável:

Fabiele Stockmans De Nardi (fabielestockmans@hotmail.com)

Editores Assistentes:

Anco Márcio Tenório Vieira (ancovieira@yahoo.com.br) – Teoria da Literatura
Karina Falcone (kfalcone@gmail.com) – Linguística

Fones: (81) 2126.8767 - Fax: (81) 2126.8767

<http://www.revistainvestigacoes.com.br>